

## MANUTENÇÃO DO POTENCIAL DOADOR: DESAFIO AOS PROFISSIONAIS NO PROCESSO DE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

**KELLY LASTE MACAGNAN<sup>1</sup>; ANALINE BIERHALS LIMA<sup>2</sup>; EDUARDA ROSADO SOARES<sup>3</sup>; JULIANA GRACIELA VESTENA ZILLMER<sup>4</sup>.**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kmacagnan@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lima.analine.b@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – eduardarosado@outlook.com.br*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – juzillmer@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O processo doação de órgãos para transplante é de elevada importância para a sociedade, pois, possibilita aos pacientes o retorno às suas atividades pessoais e ao mercado de trabalho, e também por proporcionar o aumento da sobrevida de pessoas com doenças que comprometem o funcionamento de algum órgão (GARCIA et al, 2013). Esse é um processo complexo e composto pelas etapas: identificação, avaliação, manutenção, diagnóstico documentado da morte encefálica, consentimento familiar, aspectos logísticos, remoção, distribuição de órgãos e tecidos, transplante e acompanhamento dos resultados (GARCIA et al, 2013).

A manutenção do potencial doador de órgãos objetiva otimizar a perfusão tecidual para assegurar a viabilidade e a qualidade dos órgãos e tecidos proporcionando melhores resultados para os receptores. Alguns cuidados que devem ser realizados como manutenção térmica, hemodinâmica e do equilíbrio eletrolítico, reposição hormonal e regime ventilatório adequado (MAGALHÃES et al.2017).

Um único potencial doador com a adequada manutenção poderá beneficiar através da doação de órgãos e tecidos, várias pessoas e por isso deverá ser conduzido com o mesmo empenho e dedicação que qualquer outro paciente internado na Unidade de Terapia Intensiva (GUETTI; MARQUES, 2008). Nesse sentido, é fundamental que a equipe de saúde, principalmente a enfermagem, conheça as alterações fisiológicas decorrentes da morte encefálica para que possa proporcionar cuidados específicos e viabilizar órgãos em boas condições para serem transplantados. Frente ao exposto, este trabalho tem como objetivo identificar as dificuldades da equipe de enfermagem para a manutenção do potencial doador de órgãos.

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de um recorte do banco de dados de um estudo qualitativo intitulado “O processo de doação, captação e transplante de órgãos na perspectiva dos trabalhadores em saúde: um estudo qualitativo no Rio Grande do Sul”. O estudo foi realizado em quatro hospitais localizados em um município do sul do Rio Grande do Sul. A coleta de dados ocorreu entre maio de 2017 a agosto de 2019. Entretanto, para este trabalho foram utilizadas somente entrevistas realizadas em um dos hospitais, sendo este escolhido por ser de ensino e ter o maior número de doações.

Para a seleção dos participantes foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: profissionais da unidade de internação clínica e cirúrgica, das equipes da Comissão Intra-hospitalar da Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes, da unidade de tratamento intensivo, da equipe de tomadores de decisão e profissionais



relacionados com o tema. Deste modo, foram entrevistados 15 profissionais de saúde tendo sido a coleta de dados realizada mediante entrevista semiestruturada e observação simples. Para a análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo convencional conforme a proposta de Hsieh e Shannon (2005).

O estudo foi realizado em consonância com os preceitos éticos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil, que trata de pesquisas com seres humanos, e sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos de uma universidade federal brasileira se deu sob parecer de número 1.955.142; além da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na construção dos resultados foram utilizados segmentos das entrevistas para ilustrar os achados e a partir da análise foi possível identificar que os profissionais apresentam dificuldade para realizar a manutenção adequada ao potencial doador, apesar de reconhecerem a importância dessa etapa dentro do processo doação/transplante de órgãos.

A manutenção ao potencial doador é um processo importantíssimo e necessita de uma equipe multidisciplinar para assegurar a qualidade dos órgãos e tecidos para os receptores, porém, percebe-se através da entrevista do banco de dados que há falta de conhecimento em relação a importância desta etapa do processo de doação de órgãos, tal afirmação pode ser evidenciada pelas falas dos entrevistados: “*Paciente, é. Hã... só que eu acho que também isso é um pouco falta de conhecimento dentro da UTI, né? A importância*” (ent07g01h), “*...que em relação à manutenção do potencial doador a gente ainda tem que melhorar bastante coisa*” (ent06g01h) e “*...a gente tinha que trabalhar mais em relação...a manutenção do potencial doador. Tudo que a CIHDOTT alerta a equipe acolhe, a equipe atende, só que eu acho que não seria necessário a CIHDOTT alertar, eu acho que a equipe deveria ter visão para isso e saber agir, quando se deparasse com alguma daquelas alterações*” (ent06g01h).

Segundo GARCIA *et al.* (2013) o potencial doador de órgãos deve receber todos os cuidados de um paciente internado em uma unidade de terapia intensiva, porém, conforme o relato, nem sempre isso acontece: “*Eles não veem como que aquela pessoa pode salvar até 8, eles veem com um... cadáver em cima da cama*” (ent07g01h).

Para CAVALCANTE *et al.* (2014) o cuidado do paciente em morte encefálica só se diferencia dos demais pacientes pelo objetivo da assistência, pois, não se trata mais de um tratamento curativo. E conforme as falas a seguir, é possível perceber que alguns entrevistados reconhecem a importância da manutenção ao potencial doador: “*Então eu acho que tem que manter essa qualidade não pelo paciente que está em morte encefálica, mas por aquele outro que vai receber aquele órgão chegar com qualidade, porque senão... não vai ser aproveitado*” (ent10g01hc) e “*assim ó, essa parte de manutenção do potencial doador ela é fundamental, tanto quanto a entrevista, tanto quanto o sim, tanto quanto a abertura do protocolo. Se a gente tiver um sim da família e o paciente depois, o potencial doador ele não for mantido de maneira correta, o nosso sim não valeu para nada porque nenhum órgão vai ser aproveitado*” (ent06g01hc).

Para COSTA *et al.* (2016), é importante propiciar um cuidado minucioso ao paciente, especialmente em relação ao monitoramento da temperatura; aquecer o paciente é indispensável, pois a falta desse manejo resulta em hipotermia rapidamente. Esse cuidado foi mencionado no estudo, conforme as falas a seguir: Só



*a gente vê muita dificuldade em eles manter aquecido, hã... notificar que aquele paciente tá hipotérmico, que não pode. Hã... que tá... sabe? Eles tentam... (ent07g01h) e “...Daqui a pouco o paciente tá hipotérmico, como ocorreu agora no último protocolo que eu acompanhei. O paciente estava hipotérmico, eu orientei: “aquece o paciente”, “o que mais a gente pode fazer para aquecer o paciente?” (ent06g01hc).*

Ainda conforme COSTA *et al.* (2016), para o bom desempenho da equipe, é importante realizar trabalho educativo contínuo, capacitando os profissionais para conhecer e detectar os problemas que possam ocorrer com o potencial doador e assim, planejar e implementar os cuidados necessários de forma adequada.

#### 4. CONCLUSÕES

Cuidar de um potencial doador de órgãos é cuidar de uma pessoa que não tem prognóstico de vida, mas esse cuidado na manutenção deve ser desempenhado com dignidade, respeito e conhecimento técnico sobre as alterações fisiológicas decorrentes da morte encefálica e em viabilizar órgãos em boas condições para serem transplantados. Constatou-se que os profissionais de saúde apresentam inúmeras dúvidas e questionamentos sobre a temática, podendo interferir de maneira negativa em alguma etapa do processo e não efetivar a doação de órgãos. Sendo assim, acredita-se que os resultados apresentados demonstram a necessidade de incluir a temática doação e transplante de órgãos nos currículos de graduação e pós-graduação da área da saúde, assim como a educação continuada e permanente nos hospitais sobre o tema.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, L.P. *et al.* Cuidados de enfermagem ao paciente em morte encefálica e potencial doador de órgãos. **Acta. Paul. Enferm**, v.27, n.6, p.567-72, 2014.

COSTA, C.R. *et al.* A enfermagem e o paciente em morte encefálica na UTI. **Revista Bioética**, v.24, n.2, p.368-73, 2016.

GARCIA, C. D. *et al.* **Manual de Doação e Transplantes**. Rio De Janeiro: Elsevier, 2013.

GUETTI, N.R; MARQUES, I.R. Assistência de enfermagem ao potencial doador de órgãos em morte encefálica. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v.61, n.1, p. 91-97, 2008.

MAGALHÃES, A.L.P *et al.* Segurança do paciente no processo de doação e transplante de órgãos e tecidos. **Cogitare Enfermagem**, v.22, n.2, p.1-4, 2017.